



Volume I . vencedor na modalidade contos e crônicas

Lúcia Nascimento

Ruínas



Volume I . vencedor na modalidade contos e crônicas

Lúcia Nascimento

Ruínas

 **EDUFES**

Vitória, 2021



**Universidade Federal
do Espírito Santo**



Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor

Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-reitor

Roney Pignaton da Silva

Chefe de Gabinete

Zenólia Christina Campos Figueiredo

Diretor da Edufes

Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial

Carlos Roberto Vallim, Eliana Zandonade, Eneida
Maria Souza Mendonça, Fátima Maria Silva,
Graziela Baptista Vidaurre, Isabella Vilhena Freire
Martins, José André Lourenço, Marcelo Eduardo
Vieira Segatto, Marcos Vogel, Margarete Sacht
Góes, Rogério Borges de Oliveira, Sandra Soares
Della Fonte, Sérgio da Fonseca Amaral

Secretaria do Conselho Editorial

Douglas Salomão

Administrativo

Josias Bravim
Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos

Fernanda Scopel, George Vianna,
Jussara Rodrigues, Roberta
Estefânia Soares

Seção de Design

Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

Seção de Livraria e Comercialização

Adriani Raimondi, Dominique Piazzarollo,
Marcos de Alarcão, Maria Augusta
Postinghel, Maria de Lourdes Zampier



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Preparação de texto

George Vianna

Projeto gráfico

Juliana Braga

Diagramação

Samira Bolonha Gomes

Capa

Willi Piske Jr.

Revisão de texto

Jussara Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

N244r Nascimento, Lúcia
Ruínas [recurso eletrônico] / Lúcia Nascimento. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2021.
73 p. - (4º Prêmio Ufes de Literatura ; v. 1)

ISBN: 978-65-88077-23-8

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/>

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. 3. Crônicas brasileiras. I. Título. II. Série.

CDU: 821.134.3(81)-34

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-000527/O

Esta obra foi composta com
as famílias tipográficas PT Sans e PT Serif.

Literatura e universidade

A iniciativa de produzir textos literários é um gesto de criação artística movido pela força inventiva da sensibilidade, do conhecimento, de técnicas e vivências de cada autor. Nesse universo de criatividade, o Prêmio Ufes de Literatura torna-se uma ação importante consolidada na Universidade Federal do Espírito Santo. É uma ferramenta que impulsiona a criação literária e estimula a produção de textos em diferentes faixas: poesia, conto, crônica, romance, dramaturgia, literatura infantil e literatura juvenil. Em sua quarta edição, o Prêmio é referência para escritores veteranos e iniciantes da produção literária, contemplando públicos diversos, de todas as idades – de crianças a octogenários.

Para além do universo regional, o Prêmio atrai a atenção de participantes de muitos lugares. Em sua atual edição, alcançou o recorde de participações – 683 originais inscritos. Enviaram seus trabalhos escritores de 24 estados brasileiros e de nove países de quatro continentes. Vale o registro de que a nossa Universidade sediou as edições mais recentes da Feira Literária Capixaba, apontando para uma consistente política cultural que valoriza a produção regional e estimula a formação de novos leitores. Com o Prêmio Ufes de Literatura, a Universidade reafirma suas potencialidades para também fomentar a produção literária.

O concurso é organizado pela Edufes, que em sua produtiva trajetória de 24 anos possibilita maior visibilidade à produção acadêmica da Universidade e oferece fundamental contribuição para o compartilhamento do saber. Após terem a qualidade de seus trabalhos reconhecida e aceita em um concurso de

tamanho dimensão, creio que todos os participantes desta edição do Prêmio estão plenamente motivados a dar continuidade ao ofício da produção literária. A comunidade universitária, certamente, sente-se orgulhosa pelo trabalho de excelência desenvolvido pela competente e criativa equipe da Editora da Ufes. Parabéns a todos os participantes do Prêmio, aos escritores vencedores e, especialmente, à Edufes e às comissões julgadoras e de organização pela bem-sucedida realização.

Reinaldo Centoducatte

Reitor

Literatura e resistência

Em todo concurso de literatura, a vencedora sempre é a própria literatura. Hoje, e desde há algum tempo, com o mundo cada vez mais veloz, difícil se faz concorrer com a sedução das obras e tecnologias audiovisuais. A lida com a palavra – base, não excludente nem exclusiva, da arte literária – pede uma dedicação de tempo e atenção ao objeto, tempo que poucos querem ofertar ao livro. Também por isso se diz que escrever literatura (e ler literatura!) se assemelha a um gesto de resistência.

A Editora da Ufes deseja colaborar com tal gesto, realizando, oportunamente, este Prêmio de Literatura, agora na quarta edição. Tendo no horizonte que autores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, para citar dois clássicos apenas, ainda desconhecidos concorreram a prêmios literários (e ganharam), a Edufes se sente imensamente feliz em estender suas ações no sentido de dar visibilidade a autores estreantes ou veteranos que (feito Drummond e Rosa) se dispuseram a participar do IV Prêmio Ufes de Literatura – 2019/2020.

É necessário destacar alguns aspectos fundamentais do Prêmio, sobretudo o fato de ter havido uma procura realmente bastante expressiva em todas as modalidades. Foram 683 originais inscritos nas seis categorias: 213 em Poesia, 156 em Contos e crônicas, 140 em Romance, 79 em Literatura infantil, 56 em Dramaturgia e 39 em Literatura juvenil. Escolher um vencedor em cada categoria não foi, decerto, tarefa tranquila para as comissões julgadoras. A propósito, a composição das comissões, contando com professores de reconhecida excelência e com vasta experiência no campo da leitura e da

literatura, do ensino e da crítica, amplifica extraordinariamente a valorização do prêmio de cada um dos seis contemplados.

Concurso sem fronteiras (ou seja, não restrito a capixabas), houve inscrições de quase todos os estados do Brasil (24, exatamente), além de 23 inscrições vindas de vários países (Angola, Cabo Verde, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão, Moçambique, Portugal). Os lugares onde residem os seis escritores contemplados dão bem a mostra da diversidade de que se reveste o Prêmio: Brasília (DF), Criciúma (SC), Franca (SP), Recife (PE), São Paulo (SP) e Tennessee (EUA). Outro dado relevante nos diz que houve participantes entre 9 e 84 anos que colocaram suas obras para a apreciação das comissões, sinal de que a literatura se parece àquela quadra de João Cabral em “Menino de engenho”, de *A escola das facas*: “Menino, o gume de uma cana / cortou-me ao quase de cegar-me, / e uma cicatriz, que não guardo, / soube dentro de mim guardar-se.” – os escritores sabem que a literatura é esta cicatriz, mais ou menos à vista, que atravessa a vida de quem com ela se avém.

Muito ainda se poderia dizer a respeito do Prêmio, ou de cada uma das obras, e de seus enredos e de suas técnicas etc., mas esse movimento agora pertence ao mundo dos leitores e, por extensão, dos críticos. Se, entre tantos, foram estes os livros escolhidos, isso significa que há gume e engenho de sobra em cada obra. Para usar uma linguagem um pouco mais despojada, nosso desejo é que, página a página, vocês curtam cada livro como se curte uma música, uma comida, uma paixão.

Para que um Prêmio desse porte se realize, é necessário todo um apoio institucional, que passa pelo Conselho Editorial e por várias instâncias da Universidade, em especial a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e a Reitoria – da qual a Editora é órgão suplementar. Mas, sem a cumplicidade, o envolvimento, a competência, o rigor e a alegria da equipe da Editora da Ufes,

decerto este Prêmio não teria o êxito que teve e que, agora, com os livros publicados, se estenderá a outros campos e espaços.

Agradeço, então, de modo sincero e comovido, aos colegas & servidores públicos da Edufes: Douglas, Josias, Tânia, Washington (setor administrativo); Fernanda, George, Jussara, Roberta (setor de revisão); Ana Elisa, Juliana, Samira, Willi (setor de *design*); e Adriani, Augusta, Delu, Dominique, Marcos (setor de comercialização): valeu, valeu mesmo!

Em tempos obscurantistas e regressivos, de agora ou outrora, ler é resistir, resistir é insistir: boa literatura a todos!

Wilberth Salgueiro

Diretor da Edufes

Comissões

Membros da Comissão Organizadora:

Douglas Salomão (Edufes)
Fernanda Scopel (Edufes)
Wilberth Salgueiro (Edufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Contos e crônicas:

Marcelo Ferraz de Paula (UFG)
Maria Fernanda Garbero (UFRRJ)
Rafaela Scardino (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Dramaturgia:

Andréia Delmaschio (Ifes)
Leni Ribeiro Leite (Ufes)
Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura infantil:

Gabriela Rodella (UFSB)
José Nicolau Gregorin Filho (USP)
Paulo Roberto Sodré (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura juvenil:

Benedito Antunes (Unesp)
Fabiane Verardi (UPF)
Maria Amélia Dalvi (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Poesia:

Diana Junkes (UFSCar)

Raimundo Carvalho (Ufes)

Susana Souto Silva (Ufal)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Romance:

Fabíola Padilha (Ufes)

Flávio Martins Carneiro (Uerj)

Marcus Vinicius de Freitas (UFMG)

Premiados

Modalidade Contos e crônicas

Ruínas, de Lúcia Nascimento (São Paulo)

Modalidade Dramaturgia

Sentença, de Eduardo Aleixo Monteiro (Pernambuco)

Modalidade Literatura infantil

As cores de Tó, de Flávia Ribas (Distrito Federal)

Modalidade Literatura juvenil

As matrioskas, de Cristiane Dias (Santa Catarina)

Modalidade Poesia

Ucideia, de Felipe de Oliveira Fiuza (Estados Unidos)

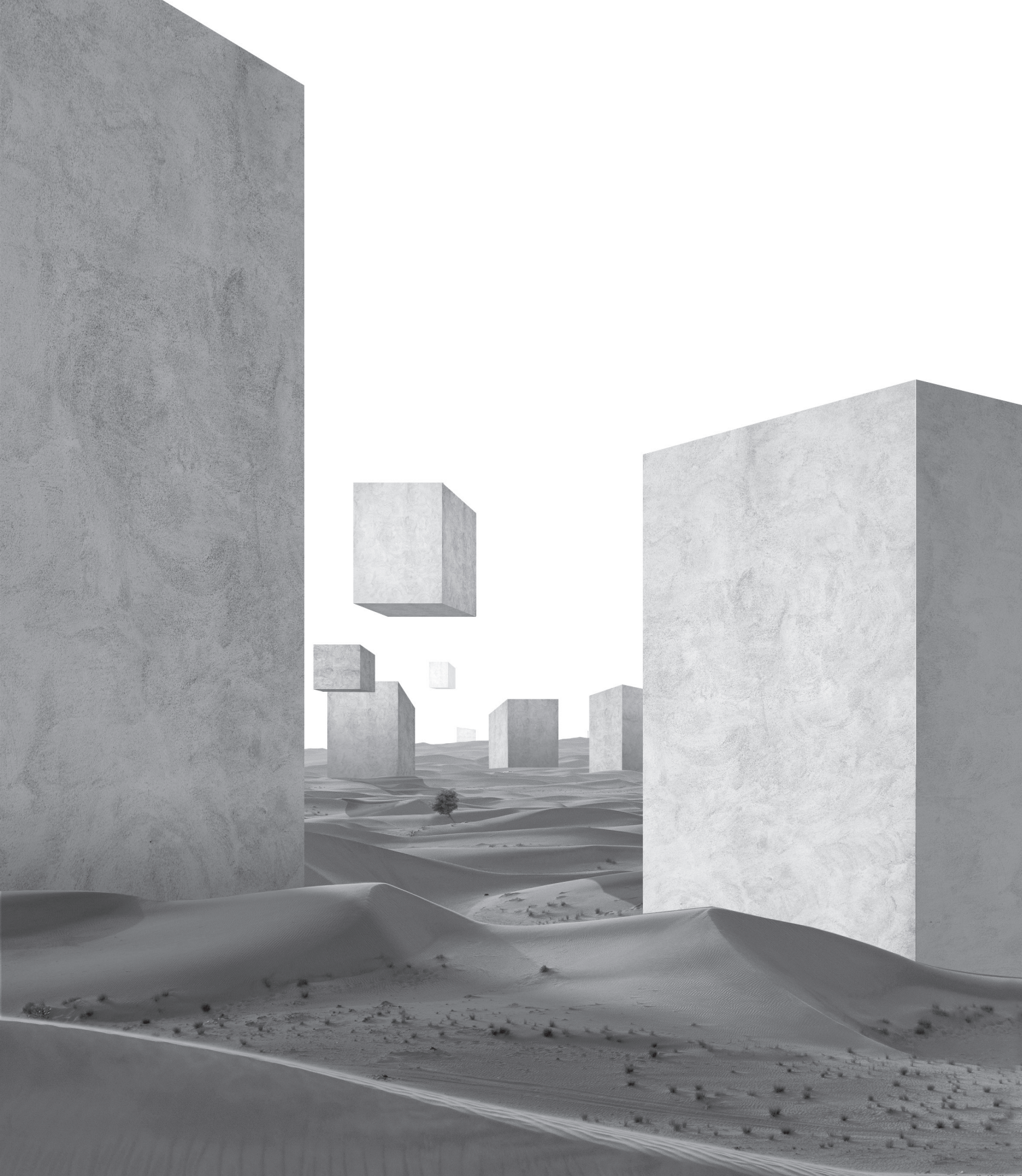
Modalidade Romance

A filha de Mrs. Dalloway, de Vanessa Maranhã (São Paulo)

Para minhas avós. Marias, as duas.

Sofrem sem palavras, o que é ainda mais terrível.

Svetlana Alexijevich



Mãe

Ele

Tio Pedro nasceu alguns anos depois de mamãe. Alto, forte, cabelos pretos. Cacheados como os fios que eu passava as noites enrolando, enquanto tomava leite na mamadeira. Não lembro. Me contaram.

Ele fazia robôs. Deu até entrevista pra jornal de televisão. Forço a memória. O que mais sei? Não consigo. Quantos anos eu tinha? Nove? Dez?

Conto a história de outra pessoa. Sei o que dizer, não sinto nada. Esquisito. Não era eu ali.

A insônia

Noites em claro. Meu sono não é meu. Um predador. Preciso escapar. Quando era pequena, passava dias inteiros dormindo. A insônia começou na gravidez do primeiro filho. Sim, sou mãe.

Aparência

Mamãe ficaria feliz. Pareço bem, não? Quando penteio o cabelo assim, virado para esse lado, fico tão igualzinha a ela na foto.

Guardo poucas, é verdade. Se as fotografias aprisionassem mesmo a alma dos retratados, talvez nos parecêssemos ainda mais.

O inferno

Não reconhecemos o inferno à primeira vista. Ele apareceu vestido de festa. Um presente nas mãos. A recomendação clara: não abra a porta para ninguém. Mas o tio Pedro insistia. Vamos passear e tomar um sorvete, menina linda? Mamãe não vai ficar brava. A gente volta rápido.

O aniversário

Oito anos. Angústia e felicidade grandes. Equilibradas. Aniversário do meu filho, Lucas. O nome do pai. Meu terceiro. Filho. Dos outros dois nunca tive notícias. Nunca segurei no colo. Nunca amamenteei. Nasceram cinzas.

Humanos

Como o ser humano se diferencia dos animais? Das máquinas? Cobaias de nossa própria engrenagem. Ratos de laboratório morrem depois de três semanas de insônia. E nós, por que aguentamos tanto? Sou bicho.

O porão

Pausa absoluta no tempo. Ouvi muitas vezes os ecos da voz de mamãe. Som abafado. Ela, ali, e eu. Por que demorou tanto pra me encontrar?

A barriga crescendo. Os cadernos. O código para escrever neles. Os diários que mamãe nunca leria. Os bebês saindo de mim. Tudo cinza. Tudo sempre cinza. O resto, inventei.

O tempo

Dia e noite. Dias. Semanas. Meses. Anos. Quanto tempo? A gente volta rápido. Não voltamos.

Dias sem dormir. Uma luz fraca, acesa o tempo todo. Luz. E oprimia.

Ela

Mamãe não era mais mãe. Ela doía. O próprio irmão.

Um relance da minha mão pela fresta da janela do porão. A polícia. Mamãe. Vizinhos. O tempo, que não continuaria passando para nós duas.

A faca. O sangue. Dois corpos. Mamãe não suportou me saber tão perto. Não tinha me encontrado. Os ecos de sua voz. E a minha, débil: não, mamãe, por favor, não. Sua pele rasgada, suja dos dois sangues. Do dele. Do dela.

Ela nunca soube. Eu também já era mãe. Sem filhos.

A gravidez

Grávida. Se for menino, vai se chamar Lucas. Se for menina, vou dar o nome da minha mãe.

Um segundo

ANA

Largou a mão da criança por um segundo. Não mais que isso. Para alcançar a embalagem no alto da prateleira. Tão alto que esticou as duas pernas, e, enquanto se equilibrava com a mão esquerda no local em que estavam os cereais matinais, explorava com a outra aquela camada mais acima, tentando trazer para si a embalagem de granola. Fica quietinho, filho. Deixa a mamãe olhar aqui.

Se soubéssemos qual será a última frase que diremos a alguém, escolheríamos melhor as palavras? Quanto tempo é muito tempo?

A embalagem quase caiu no chão, mas Ana conseguiu equilibrá-la entre o antebraço e o peito, antes de soltar a outra mão da prateleira mais abaixo e agarrar o produto. Foi quando seu olhar procurou pela tabela nutricional que se deu conta. O filho sumira de seu campo de visão.

Um segundo. Não mais que isso.

Uma onda fria invadiu seu corpo. As pernas tremiam. A visão nublou-se, no mesmo momento em que a cabeça ganhou um peso que nunca teve. O pacote de granola caiu no chão e ela se segurou com as duas mãos no carrinho, que cedeu e andou um pouco para a frente. Tá tudo bem com a senhora? Uma mulher, que também procurava algo entre as prateleiras, perguntou, segurando-a pelo braço. Meu... meu filho. Meu filho! Filho! Filho!

O tempo é pior que a morte. Ele subtrai a vida lentamente. A cada batida do relógio. A cada manhã e a cada noite. A cada ciclo solar. A cada dia desperdiçado sem nada feito. Um segundo é tempo suficiente para que uma paixão

comece, para que um beijo exista, para que um corpo respire pela última vez, para que alguém se jogue. Tempo suficiente para iniciar uma frase, para romper o silêncio, para pôr fogo, para matar, para perder alguém.

Ana imaginava-se velha, sentada na poltrona da sala, com a janela inteiramente aberta e o ar esvoaçando seus cabelos lisos. No colo, o bisneto, que escutaria suas histórias todas. A infância, as brincadeiras, os medos, as vontades. O casamento, o nascimento do avô, os choros, as fraldas, os risos. Imaginava-se vivendo até ser bem velha, uma família de várias gerações.

Um segundo. Não mais que isso. Moça, pelo amor de deus, meu filho tava aqui agora mesmo. Cadê meu filho? Filho!

MARIA

Aquele bebê não era meu filho. E como é que eu ia saber? O senhor consegue me dizer como uma mãe identifica um recém-nascido sem nunca antes ter visto a cara dele? Pois eu não sei.

Ele veio ao mundo sem chorar. Quietamente que era dentro da barriga, nem estranhei. Só quando o doutor levou correndo e não me deixou segurar. Só aí percebi que podia ter algo de errado. Agora, preciso falar. Errado mesmo foi o que eles fizeram. Como um ser pode trocar os bebês assim, sem mais nem menos?

Nunca amamenteei meu filho. Dá pra acreditar numa coisa dessas? O leite todo lá, parecia vaca leiteira. E nenhuma gota pra ele. A outra não deu leite pro meu bebê. Na hora de amamentar, vinha aqui na frente, dizia que a criança ia morrer de fome se eu não desfizesse a troca. Mas que troca, minha senhora? Eu demorei pra acreditar nela. Recém-nascido lá tem cara de alguma coisa? É tudo tão igualzinho. Não sei como ela percebeu.

Não, os doutores nunca notaram. Ainda não tinha dito isso? Tem certeza? Calma, não precisa se irritar, se eu não falei, falo agora. O doutor garantiu, de pé junto, que tudo não passava de uma... qual a palavra mesmo? Alguma coisa tipo uma confusão pós-parto. Que ela estava enganada. Mas a mulher não arredou pé. Fazia escândalo mesmo. Nem dormir ela dormiu. Noite e dia vagando pelos corredores. Que eu não saísse daqui com o filho dela. Ela iria atrás. Eu tava com medo já de tamanha doideira. Comecei até a achar que o bebê nos braços dela se parecia com uma irmã minha.

Um dia ela venceu pelo cansaço. Brigou tanto que uma enfermeira decidiu dar crédito a ela. Falou assim, na minha frente. Como se a suspeita de que os bebês pudessem ter sido trocados de repente ganhasse alguma valia. Daquelas histórias que a gente ouvia acontecer no início do século, não? Como um médico ainda erra desse jeito?

O senhor sabe como é. Nada disso tá fácil. Imagina que um coitado desses veio ao mundo pra tirar o alimento do meu filho. Como o senhor ia se sentir no meu lugar? Porque foi isso que aconteceu. Eu dei de mamar pra ele, enquanto o meu chorava de fome.

A culpa não é do pobrezinho, claro. Mas de quem é? Alguém disse pro senhor o que aconteceu de verdade? Porque pra mim ninguém diz nada. Só sei que não posso ir embora do hospital antes de descobrir o que houve aqui. Queria ver se fosse o peito deles, ardendo de tanta sobra de leite, se não iam descobrir tudo mais rápido. Os dois sumiram mesmo?

LUÍSA

Pior que a morte. O que nos faria morrer antes de morrer? A decomposição do corpo colocado em um caixão debaixo da terra não é o pior que acontece a alguém? Um ponto a partir do qual não se pode voltar atrás. Um segundo. Não mais que isso.

A filha arrumou a mochila com os cadernos das matérias que estudaria naquela manhã fria de inverno e vestiu o moletom com o logo da escola estampado nas costas. Ela mesma, mãe que era, costurou o desenho a mão. Não dá pra comprar, filha. Caro demais. Eu mesma faço.

Naquela manhã, a filha dormiu mais do que de costume. Já atrasada, foi até a cozinha, onde a mãe preparava o café, e partiu o pão francês pela metade. Abriu a cafeteira e molhou a pontinha do pão no líquido preto. Já sei, mãe, já sei. Prometo que não faço mais isso. Riram, as duas. A menina, quase uma mulher. Tô atrasada, não vou esperar o café, tá? Bom dia pra senhora.

Se soubéssemos qual será a última frase que diremos a alguém, escolheríamos melhor as palavras? Ou o silêncio venceria, por tudo que pode conter e que a fala impossibilita? Se soubéssemos qual será a última frase que diremos a alguém, escolheríamos calar e apenas olhar bem fundo em seus olhos, aquela troca tão impossível? Ou fingiríamos que nada acontece, e que aquele adeus vai ser só mais um, outro qualquer para ser esquecido, tempos depois, por um oi qualquer seguido da pergunta: e como foi o seu dia?

Quando a bala atingiu o estômago de Marcela, a menina demorou alguns instantes para cair no chão, gemendo de dor e ainda sem entender. Quase na escola, já no alto da ladeira. Ouvia o barulho dos tiros, que pareciam distantes. Correu, mas caiu antes de se esconder. A mochila aberta ao seu lado. Minha... minha mãe! Alguém chama a minha mãe!

A quem pediríamos para segurar nossas mãos, se soubéssemos que vamos morrer nos próximos instantes? Quem seria a pessoa que não poderíamos deixar de ver uma última vez? Pior que a morte é segurar a mão de uma filha que morre. Como poderia doer mais do que isso? Quem, se pudesse, não escolheria morrer para não viver essa dor?

A mãe chegou correndo. Não chorava. Sentou-se no chão e acomodou a cabeça da filha em suas pernas cruzadas, acariciando-lhe os cabelos. Uma bala perdida. Um Estado em decomposição. Uma polícia que ainda não teve fim. O sangue escorrendo. Uma vida. Um segundo. Eu vi quem atirou em mim. Foi o blindado, mãe. Ele não viu que eu tava com roupa de escola? Tá doendo, mãe. Tá doendo. Eu não quero morrer.

Luísa contava histórias. Era isso que fazia para tranquilizar a filha. Não se contentava com as já existentes e criava as suas próprias. A menina ouvia, às vezes dormindo. Como a acalentava ver os olhos da pequena criança fechados, a respiração mais lenta, e a quase imobilidade dos primeiros minutos de sono. Desejava que com suas invenções os sonhos da filha se povoassem.

Vou te contar uma história, filha. Como eu fazia quando você era bem pequenininha, lembra? Vou fazer um carinho no teu cabelo e te contar uma história. Fica tranquila, meu amor. A mamãe tá aqui.

Um segundo. Não mais que isso. E a história, pela metade.

Certezas

1

As buscas na represa começaram cedo. Os sapatos vermelhos, de uma cor tão próxima à do vinho, foram encontrados no primeiro dia. Gravetos, terra e grama grudados na sola indicaram aos peritos que o trajeto fora realizado a pé: provavelmente seguindo da estrada de terra para a trilha que desemboca na água represada. Depois dos sapatos, um lenço que ela costumava usar no pescoço.

Amanheceu branca aquela manhã. Não havia sequer uma nuvem no céu, mas uma grande neblina que impedia a visão à distância. Por isso, quando gritaram “achei”, Laura não fazia ideia de para qual lado deveria correr. “O quê? O quê?”, gritou de volta. A ausência de resposta acentuou sua solidão. Imaginar as possibilidades poderia ser pior do que a certeza dos fatos?

“O quê? O que acharam?” Correu na direção da voz. A neblina impedia a sua visão e provocou uma queda abrupta. Laura caiu em cima de suas próprias pernas e levantou encharcada, com água pelos joelhos. Só parece tranquila, a represa, mas já começa funda. Engoliu um pouco de água na queda, e a tosse para expeli-la fez com que Bruna se aproximasse. “Tá tudo bem? Meu deus, o que aconteceu com você?”

Laura gostava do risco. Elena, da certeza. De mãos dadas, como duas colegiais, entraram no carro. “Para o céu.” Sorriam quando o motorista olhou

pelo retrovisor. Elena capturava as cenas da cidade pela janela, imersa, vendo a paisagem se transformar. O cinza dava lugar a tons de verde, de marrom. O barulho mecânico sumia em meio ao som do vento, das árvores dançando, dos animais distantes e tão próximos. O primeiro dia das duas na chácara. As malas por desfazer. A roupa jogada longe, ao acaso. Olhares úmidos, respirações ofegantes, corpos cheios de terra e suor. As duas deitadas, olhando o azul e molhando os pés nas águas calmas da represa. Eram. Sem complementos, sem explicações. A liberdade do isolamento.

Compraram a casa em um dia de dezembro. O peso dos amores proibidos. A fuga. “Sinto muito. Com a mudança recente, não conseguiremos voltar para passar o Natal com vocês. Uma hora combinamos de nos visitarem.” As aparências.

“Que se danem as aparências! Laura, vem ver o que achei!” A casa ficava em meio à mata nativa preservada. “Olha esse cacto. Gigante, não? Como ele veio parar aqui? Nunca imaginei que uma terra úmida desse jeito mantivesse um cacto vivo.”

“Precisamos dar um jeito nessas roupas. Você está completamente molhada.” Com a mão esquerda, Bruna ajeitava a franja de Laura, que grudava na testa e fazia com que alguns fios entrassem em seus olhos. “Eu tropecei. Mas tá tudo bem. Tá tudo bem, Bruna. O que eles acharam?”

Quando os bilhetes começaram, Laura não estranhou. Casamento precisa de mudança, e aquela parecia uma boa alternativa. Bilhetes pela casa. Mais de trinta anos haviam se passado desde o dia em que chegaram à chácara, sem saber bem em que tudo aquilo ia dar.

Por algum tempo, juntou todos eles em um pequeno baú, guardado em uma das prateleiras da estante. Achava romântico, até. O incômodo começou apenas no momento em que os silêncios passaram a substituir as conversas, e os bilhetes eram sua única forma de comunicação. Brigou feio com Elena naquelas semanas. “Como eu poderia adivinhar?”

Bruna era a vizinha. A única com quem conversavam. Tinha no máximo metade da idade das duas. Já enfrentara um câncer e morava sozinha no meio do mato. Cabelos castanhos curtos, olhos pequenos, fundos, e lábios imensos. Como se o próprio rosto pensasse em compensações ao ser desenhado. Namorou muito durante a juventude e, quando conheceu Marcos, apaixonou-se à primeira vista. “Ele também”, ela costumava dizer. Em poucos meses de namoro, já planejavam filhos e decidiram morar juntos. O diagnóstico de câncer não mudou muito a rotina nas primeiras semanas. Ela, percorrendo hospitais e fazendo exames nos intervalos do trabalho. Ele, perguntando como ela se sentia e a mimando com flores.

No dia da cirurgia, foram juntos ao hospital. “Te vejo daqui a pouco, amor. Vai dar tudo certo.” Bruna ainda se lembra da mão dele se descolando da sua, quando a maca começou a ser movimentada pelos enfermeiros. Ele dobrou o braço na direção do rosto e aproximou a mão dos lábios para logo afastá-la, enviando um beijo a ela, de longe.

“Foi a última vez em que nos vimos.” Bruna contava a história às duas vizinhas como se aquele acontecimento não fosse parte de sua história, mas algo que lera em um livro. “Acordei da cirurgia e estava sozinha no hospital. O celular dele nunca mais foi ligado e, quando voltei para casa, nenhum

rastro de que ele vivera ali existia. Tudo havia sumido. Tudo. Até as fotos em que ele aparecia ele levou embora.”

Aquela noite selara a amizade das três. Assim, foi natural para Bruna aceitar o pedido de ajuda de Elena, quando ele aconteceu.

“Querida, acharam a Elena. Sinto muito.” A voz de Bruna se perdeu em um eco terrível. Acharam a Elena.

Quando acordou do desmaio, Laura soube que o corpo já estava a caminho do necrotério. Não havia sido afogamento. Não tinha sido por acaso. A pele, de uma cor outra. No bolso da calça, uma carta. No envelope, a letra de Elena. *Para Laura.*

A distância calculada. A primeira carta já escrita antes dos bilhetes. A última a ser entregue. “Como eu poderia adivinhar?”

2

“Para o céu.” Quando Elena se lembrava daquela viagem sem volta, um arrepio cortava seu corpo dos pés à cabeça. Tinha certeza de seu amor por Laura, mas não se via arriscando tanto, como fizera. Precisou de anos para se encaixar naquela vida no campo. Sentia falta da agitação da cidade, das amigas e amigos, até da mãe, às vezes. Quando esquecesse tudo que um dia já conhecera ou vivera, ainda valeria a pena?

Foi ao médico sozinha naquela tarde. O diagnóstico claro, a certeza de que esqueceria tudo. Tanto para nada? Caminhou até a represa e, com os

cabelos voando ao chiar do vento, retirou da bolsa os papéis que indicavam sua doença. Leu-os mais uma vez e na sequência rasgou-os em pedaços pequenos. Rasgou até ser difícil continuar, com a quantidade grande de papéis exigindo uma força que não tinha mais para transformá-los em pedaços ainda menores. Lançou-os na represa e sentou-se na beirada, vendo cada um deles desaparecer naquelas águas calmas e profundas.

Naquela mesma noite, escreveu a carta que entregaria a Laura quando decidisse que era hora. Tão rápido para decidir que, sem se lembrar, não valia a pena. No dia seguinte, teve a ideia de escrever bilhetes e espalhá-los pela casa. Riu da ironia de querer deixar uma lembrança. De querer que se lembrassem dela.

Só alguns dias depois, Bruna contou tudo a Laura. Elena pedira ajuda para quando o momento chegasse. Não precisaria fazer nada se Elena não deixasse o tempo escapar, apenas acompanhá-la até a represa, até o lugar em que costumavam fazer piqueniques aos finais de semana. “Fiquei ao lado dela até perto do fim. Depois ela pediu para ficar sozinha e saiu andando. Ela não queria que você guardasse aquela última cena na memória. Precisava ter certeza de que morreria se lembrando de tudo. De você.”

Bruna ainda mora lá, na casa que ficava ao lado da de Elena e Laura. Laura se aposentou anos atrás e voltou a morar na capital. Passa os dias lendo, e sempre volta à carta e aos bilhetes deixados por Elena. Às vezes, escreve. No geral, cartas que nunca enviará a ninguém.

Dois tempos

Grávida. Logo ela, que nunca quis filhos. Não conseguia sequer se imaginar com aquele barrigão, o corpo inchado, as dores e náuseas, as noites sem dormir. Até visualizava, na verdade, mas nada do que via lhe agradava. Pegou um copo. Encheu de *vodka*. Precisava se acalmar. O calor. A raiva. Jogou o copo contra a parede.

Segurava o bebê com apenas uma das mãos. Ele parecia leve. O sol alto, mais de meio-dia. O cheiro do suor em seu corpo. Não encontrava a casa dele. Pelo menos o bebê não chorava. Nariz e olhos ardiam, pela terra levantada ao andar. Passou o braço pelo rosto, na tentativa inútil de limpar as gotas de suor que escorriam.

Pensou nos remédios. Nos chás. Qualquer coisa melhor do que apelar pra faca. Ela nem sabia direito como seria isso. Faca? Será que eles usam algo que corta? Mas, também, era melhor não saber. Saiu decidida. Comprou o remédio, uma garrafa de água e um chocolate. Se tudo desse certo, dormiria tranquila depois. Não esperou chegar em casa para engolir o comprimido. Num gole, tudo estava feito – ou melhor, desfeito. Abriu o pacote de chocolate enquanto caminhava. Faltavam três quarteirões. O vento desarrumava seu cabelo. Olhou para a barriga e deixou o ar bater. Melhor assim. Guardou o último quadrado do doce para depois.

O suor continuava incomodando, mas andou sem parar. A tarde toda, com o bebê no colo. Ele não quis mamar, não chorou, não reclamou de nada. À noite, ao ver o pôr do sol, decidiu voltar para casa. Passo ante passo até se lembrar do caminho. Chegou com os pés latejando. O cabelo grudado na

testa. Um calor insuportável. Girou a chave na fechadura, mas a porta não abriu. Tentou de novo. Não era ali.

Uma cólica diferente. Não conseguia se levantar da cama. Retorceu-se até onde sua coluna foi capaz de dobrar e ficou ali sozinha. Não duraria muito. O sangue escorria, mas não levantou a cabeça para ver. Pelo menos não veria nada. A dor apertava o estômago, subia pro peito, um refluxo amargo. Suava frio. Fechou os olhos. Quando os abriu, ouviu o relógio bater dez horas. A manhã clara. Tinha dormido. O sangue manchara o lençol. Levantou-se. Dia de trocar a roupa de cama.

Sentou-se na calçada para descansar. Onde estaria ele? Numa hora dessas, ele já havia saído do trabalho e passaria por aquela mesma calçada. Que espera longa. Não aguentava mais segurar o bebê e pediu ajuda para a mulher sentada ao seu lado. Lembrava-se dela de algum lugar. A outra recusou-se a segurá-lo. Jogou-o no chão. Quando é que você vai perceber que essa bosta aqui é só uma boneca velha? Ela mal ouviu o que a outra falou e correu para pegar seu bebê do chão. Ele não chorou, nem reclamou de nada, nem quis mamar. Ela saiu andando e, de longe, xingou alto. Foi dormir do outro lado da rua.

Por escrito

*Não dá pra dizer que foi estupro,
no meu caso, esse é o ponto.
(Elvira Vigna)*

Não dá pra dizer que foi estupro, no meu caso, esse é o ponto. Ele não ficou assim sem roupa. Tirou. Acho que tirou a cueca. Sabe, não tenho certeza. Tava tudo escuro. Muito escuro. Ele se deitou em cima de mim. Talvez não tenha deixado o corpo completamente solto. Talvez, com as mãos, se apoiasse na cama para não largar o peso em cima de mim. Eu senti. Mole. Acho que ele não sabia bem o que fazer. Encostou em mim. Mole. E perguntou. Você tá sentindo?

Eu tinha uns oito anos. Sete, talvez. Nove. As janelas fechadas. A porta encostada. As luzes apagadas. Era sábado e o sol lá fora ardia. Acho que ardia, me lembro dos sábados assim. Não mexi na minha roupa. Não, nenhuma peça. Sabe, não tenho certeza. Tava tudo escuro. Muito escuro. Eu tinha medo de que alguém entrasse no quarto. Medo da bronca. Nunca ninguém entrou.

Ele era mais velho. Tava tudo escuro. Muito escuro. Eu tinha uns oito anos. Mole. Tirou. Medo da bronca. Encostou em mim. Vergonha. E perguntou. Você tá sentindo? Não dá pra dizer que foi estupro, no meu caso, esse é o ponto. Não dá pra dizer.

Olhai por nós

Quando não sobrou nada, restam os cheiros. O cheiro do ralo. Do esgoto. De dentro. Do suor. Do sexo. Da merda. De fora. Do mijo. Das lágrimas. Fedemos, por natureza. O cheiro insuportável de ser humano. Olhariam, se ela esfregasse a bunda na grama?

Seus serviços já não são necessários. Uma surpresa. Tanto tempo procurando. Em menos de três meses, não queriam mais. Ela limpava tudo. Deixava sempre bem perfumado. Era isso? Gastava produto demais? A que cheirava o mundo deles?

De um dia para o outro, de volta às caminhadas. Aqui precisam de alguém? Faço de tudo, moça, prometo que não vai se arrepender. Não quero atrapalhar, mas posso deixar meu telefone com você? Me liga, se precisar. Posso fazer mais barato, sim, quanto a senhora oferece?

O extrato bancário e o saldo negativo. Mal conseguia chamar de emprego aquilo que lhe roubava o tempo e não lhe pagava sequer o dinheiro do aluguel. Atrasado há meses. Olhou o papel e se esforçou, fisicamente, para pensar no próximo passo. Simulou contas e situações. Vendeu o fogão. Depois, a geladeira. No dia em que achou comprador para a geladeira, recebeu aquela carta. A última.

Cheiro. Cheiro é que nem gente. Dá pra se acostumar fácil. Pode ser o mais insuportável do mundo, mas depois de um tempo, pronto, não percebemos sequer que eles existiram em algum momento. O cheiro do ralo. Do esgoto.

Não foi fácil limpar aquele banheiro, a merda escorrendo até pela parede. Limpava porque queria voltar.

Engravidou na primeira vez. Nem sabia que era possível isso acontecer.

Quatorze anos, tinha. Ele, ele era lindo, mais velho, e tentou tanto que ela ficou com vontade. O rosto vermelho dele, quando soube. Só não conta pra minha mãe que é meu. Não conta e vai dar tudo certo.

Uma menina, nasceu. Morena como ela. Todo dia ele visitava. O quarto apertado. Parava uns minutos na porta, antes de a mãe voltar da rua. Ainda riam dos olhares trocados ao longo do jantar. Ela, com a bandeja. Aceita um pouco de carne? A carne dela, que cheirava a suor. Ele ria. Visitava a criança no quarto dos fundos e ria. Não podia reclamar.

De dentro. Do suor. Do sexo.

Não foi bem assim, esse clichê todo, aquela história que já sabiam de cor. A raiva, o silêncio, o sexo e as bocas grudadas. Queria era vomitar todas as palavras juntas, vivas, em jatos verdes. Cheiro de vômito demora bastante pra passar. Foi mais complicado.

A faculdade o fez ir para longe. Outro país? Mas e quando você volta?

Se ele foi, ela também iria. Voltaria logo. Era achar trabalho, conseguir um quarto com fogão e geladeira, e voltaria para pegar a filha.

A patroa que disse. Deixa a bebê comigo. Eu cuido enquanto você acha um lugar lá. Não dá pra levar uma bebê de colo pra uma viagem longa assim, e sem saber onde ficar, e quanto tempo vai demorar pra conseguir alguma coisa. Depois você volta e pega ela. A gente manda notícias por carta.

Ele, ele nunca mais voltou.

Deixou a carta no piso, perto da janela. Olharia o que estava escrito quando voltasse do trabalho. Aproveitaria cada notícia da filha, de quem tanto sentia falta. Quando voltasse.

Seus serviços já não são necessários. Uma surpresa.

O aluguel atrasado há meses. Não tinha mais nada para vender. Quando saiu de casa, colocou a roupa toda no corpo. Duas blusas, calça, moletom, chinelo. Uma sacola com dois pães. E um rolo de papel higiênico no bolso. A chave rodava entre os dedos. Da cor dos meninos prateados, pedindo, por favor, uma ajuda. O olhar longe.

A mãe. Vem, filha, vou cortar seu cabelo. Adorava aquele ritual. A mãe de avental florido, com uma tesoura na mão e pentes espalhados pela mesa da cozinha. Corre, que não tenho muito tempo até a próxima cliente chegar. Quero curtinho, mãe. Na mão, uma revista com fotos de mulheres lindas e cabelos cortados de tantos jeitos possíveis. Olha, filha, o que você acha deste aqui? Ou deste outro? — mostrava, virando a página.

Olhava a vitrine. Lembrou da mãe e dela, criança. A despedida antes do tempo. Fixou o olhar em uma das cabeças de cera, com cabelos castanho-escuros e longos, tão longos que se espalhavam fio a fio na prateleira que sustentava o manequim cortado pelo pescoço.

No reflexo do vidro, viu seus cabelos também compridos. Enroscados. Com os dedos das mãos, imitou o movimento de um pente e tentou ajeitar o que via. Da cabeça saiu um cheiro enjoado. Os cabelos fediam. O último banho, quando?

Sai logo daí. Não tá me ouvindo, não? Sai logo da porta. E não volta aqui, hein?

Deixou a carta no piso, perto da janela. Colocou o envelope entre as mãos e bateu na busca por adivinhar a quantidade de páginas da carta. Tão pouco. Sem foto, de novo.

Olhava a foto da filha, pequenina, sentada entre as árvores do quintal, de pernas cruzadas. Já estava com quase quatro anos, a menina. A foto tão antiga. E a carta, a última – ela ainda não sabia que seria a última –, mais parecida com um bilhete. A menina está bem. Vamos nos mudar e ela vai conosco. Até você voltar. Sentimos muito.

O que eles sentem? Sai logo daí. Não tá me ouvindo, não? Sai logo da porta. E não volta aqui, hein?

Mesmo que a filha crescesse e encontrasse as cartas, para onde escreveria? Qual endereço era o seu? Queria voltar. Mas para onde?

Segurou até onde suportava, andando alucinadamente pela calçada. Não aguentava mais. Perguntou para outra mulher, sentada num banco da praça. Como é que você faz? Quando puxou as calças para cima, decidiu. Um quadrado por vez. Duraria para sempre. O papel duraria para sempre. Olhariam, se ela esfregasse a bunda na grama?

Da merda. De fora. Do mijo.

Guardava o papel no bolso. Um rolo comprido. Áspero. Um quadrado por vez. A rua dura. Suja. Aquilo por onde passam todos os dias. E se ficasse cagada, empesteadada de merda? Chorou como um bebê. Mundo horrível esse em que uma pessoa não tem papel higiênico para limpar a bunda. Você tem? Moço, você tem algum papel para me dar? Vontade de pegar a merda nas mãos e jogar alto. Arremessar longe. Sujar tudo. Espalhar seu cheiro. Todo mundo fede.

Os cabelos fediam. Olhou para os lados, para o céu. Voltaria logo, mesmo que vendesse a alma ao diabo para conseguir. Filha minha, luta. Preferia dançar, mas lembrava da mãe dizendo. Filha minha, luta. Voltaria logo.

Enquanto abria o pote de esmalte, forçava a memória. Eram lembranças, o que tinha? Invenções? Sentou-se bem na beirada da calçada. A melhor posição para pintar as unhas dos pés sem ficar com dor na coluna. Colocou o esmalte ao lado do corpo, enquanto cruzava a perna direita e começava a pintura. Dali, via o relógio da praça. Lembrou-se de quando ficou sem papel higiênico pela primeira vez. Riu de sua sorte: adorava esmalte vermelho.

Cada vez demorava mais para terminar a pintura das unhas. O cheiro de esmalte lhe agradava. Colocava as mãos próximas ao nariz durante o sexo com aqueles homens desconhecidos: o único cheiro suportável. Dos outros tinha nojo. Com o cheiro daquele sexo não se acostumava. Balançou o vidro: o líquido pastoso e brilhante perto do fim. Olhou para os lados, para o céu. Seus olhos arderam com o azul límpido, sem nuvens, sem sombra. Ninguém olhando. Nem deus.

Quando não sobrou nada, restam os cheiros. O cheiro do ralo. Do esgoto. De dentro. Do suor. Do sexo. Da merda. De fora. Do mijo. Das lágrimas. Fedemos, por natureza. O cheiro insuportável de ser humano. As unhas, pintadas de vermelho. O frasco de perfume cheio, guardado com cuidado na sacola de plástico que conseguiu na rodoviária. Ninguém olhando. Deus?

Das lágrimas.

Oi, filha!

Angústia

1

Apertou a almofada com força, até que ela parou de chorar. As pequenas pernas se debateram, convulsas. Já estava sozinha quando trouxe o objeto para perto do peito. Sufocava: de silêncio e alívio. A camurça vermelha em contato com a pele. Um arrepio frio. Acariciou o próprio rosto com o objeto, em um ir e vir macio; desejava aquele carinho.

Levantou-se e olhou pela janela aberta. O ar gelado de inverno contrastava com o toque da almofada, cortando a pele a cada rajada de vento. O sol nascia. Externa a ela, aquela beleza não tinha espaço em sua vida. Quando nova, as belezas possíveis da natureza e da humanidade a encantavam. Assim se conectava com o mundo: nesses reconhecimentos de breves instantes.

Tentou acreditar que a bebê lhe traria de volta algum conforto, entre as fraldas sujas, as noites sem dormir, os choros agudos e os bicos dos seios rachados. Uma defesa de sua mente. Tentativa de escapar do inevitável. O conforto da mentira. Consolo tão usual que não servia para ela.

O som da campainha a tirou de seu torpor. Café... Em que mundo ainda se batia na porta de alguém a essa hora da manhã para pedir um pouco de café? Colocou o pó em um copo velho de requeijão e entregou-o para a vizinha, encostando a porta sem se despedir.

2

A necessidade de machucá-la começou quando ainda estava dentro de seu próprio ventre, pequena, incompleta, indefesa. Odiava o fato de ela não poder se defender. Batia com força, como se aquela carne não fizesse parte de seu corpo. Dizem que o ódio é o oposto do amor. Para ela, era a representação da angústia.

Os tapas leves transformaram-se em socos, vermelhidão arroxeadada, dor localizada. O ser, dentro dela, resistia, como se não sentisse as agressões. Como se fosse feito para sofrer. Não suportava aquele clichê. A única compensação era a possibilidade de descrever e localizar uma dor. É aqui, nesse roxo, que dói. Antes só doía inteira, difusa, sem possibilidade de melhora.

A dor das agressões, paliativa, não foi capaz de substituir a outra por muito tempo, imensa que era. Quando sentiu a água escorrendo por suas pernas, embaixo da barriga que lhe impedia a visão, percebeu que passara os últimos meses lidando com a questão da pior maneira: não fazendo nada. Tinha deixado chegar àquele ponto.

Nasceu chorando, a menina. Ruído agudo, intenso, constante. A dor no corpo da filha. Marcado por milênios. A monstruosidade de sua concepção exalada por suas células. Precisaria de uma força inexistente para cuidar dela. Mas não teria nome. Pelo menos isso: não carregaria o peso de nomeá-la.

Ouvira uma vez que os esquimós possuem vários termos para designar tonalidades de branco. O fato de serem capazes de enxergar tantas não cores, que ela definiria todas com o mesmo nome, a surpreendia. A importância das palavras. O peso de um nome. Algo que só vemos depois de nomeado. E o que nomeamos sem sermos capazes de pronunciar.

Se contasse o que aconteceu, suas palavras estariam gravadas para sempre no mundo. Não tinha medo da pena que sentiriam dela. Tinha medo de nomear o que acontecera. Medo de enxergar aquilo tudo ainda mais do que já enxergava. A bebê carregada de palavras.

3

Naquele dia saiu do metrô andando rápido. Acompanhava o ritmo dos carros com suas luzes acesas e voadoras. Todos com pressa. Virou o quarteirão e reparou em um prédio baixo, cor-de-rosa, à sua esquerda. À noite, o vazio da rua direcionava sua atenção para o que estava ali diariamente, preso ao asfalto, e que pouco a interessava. A padaria fechada. O bar, na esquina seguinte, também.

Um braço, vindo por trás e fazendo forte pressão em sua boca, chamou de volta sua atenção. Uma mão a impedia de respirar. Sua cabeça comprimida contra um corpo que a forçava para trás. Jogou várias vezes a cabeça contra aquela massa, na tentativa inútil de provocar um choque com quem a segurava. Cairiam os dois. Não conseguiu. Escutava os carros correndo e buzinando na rua que ficara para trás. Ninguém mais passava.

Uma senhora segurava sua cabeça, rente ao chão, quando acordou. Demorou para reconhecer o lugar. Mais alguns metros e teria chegado no prédio onde morava. Desmaiara? Piscava os olhos pesadamente. Suas roupas desalinhadas, a meia-calça rasgada, a saia suja, um pouco levantada, um dos pés sem o sapato. A blusa, com manchas vermelhas de terra. Suas pernas, sua cabeça, sua coluna, tudo doía. A latência das dores espalhadas. Com um

movimento lento, arrumou a saia e passou as mãos algumas vezes em cima dela. Olhou para um ponto de luz e viu que mais pessoas a cercavam.

Ele saiu correndo, dizia a senhora, e apontava para a rua na diagonal, cruzando a praça. Lembrava agora da mão, do braço, do pânico. Fechou os olhos com força quando a memória completa voltou. Se não visse, se não falasse, esqueceria? Tudo doía. Uma dor insuportável. Não tinha forças para ir além de si mesma. Não tinha forças sequer para si mesma. Levantou sem falar nada. Olhou demoradamente para a senhora, que também se apoiava no solo com esforço. A única cumplicidade suportada no momento. Atravessou a rua e, andando devagar, chegou em casa.

4

Voltou ao quarto com um copo cheio de água na mão. A mesma almofada ali, jogada na cama, um objeto de decoração, do mesmo jeito que naquele dia, pouco mais de nove meses antes. Beleza e conforto, tão distantes, impossíveis. Sentou-se no chão. Encostou a cabeça na parede. Ajeitou o pequeno corpo ao seu lado e apoiou a coluna na almofada. Agora nada mais sairia dela. Mesmo o sofrimento só pode existir em cotas. Já cumprira as suas. Abriu o pote, colocou vários comprimidos na boca. Engoliu-os.

O barulho de vidro se quebrando. Um copo lançado ao solo? A voz da vizinha. Um choro de bebê? Um tapa em seu rosto. Forçou as pálpebras. Tentou abrir os olhos.

Livre

Estrelas suaves e sem pontas, circulando pelo corpo. Um rio, às vezes um oceano. Um dedo. Dois. Meus. Dele. Dela. Trinta segundos. Dois minutos. Horas. Sempre. Nunca. Como se minha língua estivesse cheia de açúcar, mesmo sem que houvesse nenhum açúcar. Como as batidas de um instrumento musical. Cores. Juntas. Brilhantes. Intensas. Uma montanha-russa, no topo, antes de iniciar a descida. Lento. Rápido. Vindo. Um banho em água quente. Uma cachoeira. Como em um avião segundos antes de pousar. Leve. Prestes a abandonar meu próprio corpo. Livre.

Nina

1

Nina não teria conhecido a família de Roberto em outras circunstâncias. Mas ela sabe que há distintas maneiras de observar essas situações. Entre! É um prazer conhecê-la!

Combinaram o enredo: uma praia no Guarujá. Ela, com uma caipirinha de morango nas mãos. Pediu ajuda a ele para segurar o copo enquanto recebia o troco. Ele, pedido ainda por fazer, convidou. Topa caminhar pelo mar enquanto tomamos nossas bebidas? Ela fez que “sim” com a cabeça. Com três dedos, segurava o canudinho ao sorver o líquido. Ele, com um sorriso no rosto, pegou a caipirinha de limão que acabavam de preparar e manteve o olhar fixo nela.

O primeiro beijo foi ao final desse dia. Na praia também. Sentados em uma rocha em frente ao mar. A paisagem tão encantadora que nem se lembraram. Pois é, acabamos não tirando nenhuma foto. Seguiram-se os primeiros dias, as primeiras semanas, o primeiro mês juntos. Formavam o casal perfeito.

A verdade mesmo é que se conheceram em um desses aplicativos de relacionamento. Oi. Oi. Ela tendo dito o primeiro oi. Tudo bem? Tudo. E você? Odiava ser a única responsável pela conversa. Aquela baboseira de só responder e perguntar o que ela já questionara. Mas fazia parte do jogo. Tudo certo também. Você trabalha com o quê? Sou médico, e você? Ele era do tipo que não se esforça. Comum de encontrar. Eu sou o que você quiser, meu bem.

Contou algumas horas sem resposta. Precavido, ele. Ensaiaava antes de responder. Um porre, gente assim. Todo dentro do padrão. Mas a abordagem vinha funcionando. Ele responderia. Todos respondiam.

Como assim o que eu quiser? Madrugada já, quando a mensagem chegou. Ele aceitara o jogo. Assim, oras. Me fala um nome que você goste. Ela via o digitar dele, contínuo. Parecia escrever uma carta. Minutos depois, a resposta de quatro letras. Nina.

Prazer, eu sou a Nina. Qual o seu nome? Ela sabia o nome dele. Roberto, 37 anos. Gosto de surfar, *rock*, curtir um barzinho com os amigos. Nas fotos, ele na praia. Sunga e peito de fora. Ela até que gostava das fotos. Cansada de professores, jornalistas, escritores. Roberto. Ele, nem para inventar um nome. Falta de criatividade. Oi, Roberto. Prazer!

No perfil dela, uma foto provocativa. E só. Dá “oi” que digo meu nome. Isso foi depois de Pedro. Antes do final da história.

2

Patrícia? Presente, professora. Em casa, chamavam-na de Pati. Viveu a perfeita infância classe média dos anos oitenta. Aniversários com decoração e palhaços contratados para pintar desenhos nas bochechas das crianças, educação em colégio de freiras, aulas de inglês, teclado e natação, pai e mãe que se vestiam com diferentes tonalidades de marrom e bege, viagem para a Disney pra comemorar o aniversário de quinze anos do irmão mais velho. Ela, a caçula. Roberto nunca soube de nada disso.

O carro. E se eu puser o carro no teu nome?

Roberto estava apaixonado? O que ele esperava de tudo aquilo? Querido, já te expliquei a situação, não? Você paga, eu venho. Até a próxima vez. Só isso.

Eu sei. Era tudo que respondia. Eu sei.

Não foi por falta de aviso. Nas primeiras mensagens, ela esclareceu. Ó, talvez você já saiba, mas a gente pode se encontrar por um valor que eu te digo qual é, tá? Tá. Agora o carro... Sequer dirigia, ela. O que faria com um carro? Demais também o que ele pedia. Pra que tudo isso? Vai me apresentar como? Nina? Vai dizer o quê? Que a gente se conheceu numa festa? Na praia? Jesus, não tô acreditando no que você me pede.

Encontravam-se há dois meses, sempre como planejado. Ele chama e paga, ela vai. Quando quer. Ela escolhe. Ele cumpre o papel. Patrícia se divertia com eles: porque escolhiam seu nome e gozavam, suados, arfando sobre seu corpo, acreditavam-se no poder. O gozo deles durava o quanto ela desejava – sabia encerrar a cena toda em segundos. Eles sabiam fazê-la gozar em segundos? Saberiam fazê-la gozar? Talvez achassem que sim. Não entendiam sequer os fingimentos. Ela não fingia. Nem que pagassem.

Por favor, se não for o carro, me diz o que você quer.

3

O divórcio, Pedro. Quanto tempo foi preciso para verbalizar aquilo? Naquele dia, chegou ao hospital com um olho roxo e uma costela quebrada. Sou tão distraída. Caí no quintal. Bati o rosto num vaso. Tanto azar, não é? Preciso tomar mais cuidado. Não que acreditassem. Mas ninguém se intrometia também. Na volta para casa, ele continuava lá. Nem morta você vai se livrar de mim, tá entendendo? Nem morta. Ele largou o copo em cima

da mesa. Vidro com vidro. Foi ao encontro dela. É isso aqui que você não quer mais, sua putinha? Levantou a saia dela e puxou a calcinha para o lado, enquanto enfiava todos os dedos que conseguia em sua vagina. O pênis já próximo ao gozo.

Quando ele saiu do corpo dela e se jogou no sofá, ela passou a mão levemente pelo meio das pernas e limpou o sangue que escorria. Ardia. Aquele homem, pelas manhãs, desenhava mapas na lousa e falava de capitais de países para crianças. Tudo muito fora de ordem. Riu, ao notar que cantava. Fora da nova ordem.

A história dela com Pedro começou pouco depois da morte de seus pais. Um acidente de carro. Os dois no mesmo dia. Pedro dava aulas no colégio em que ela também lecionava. Ele, geografia. Ela, química. Gostava do jeito descolado dele. Barba por fazer, calças largas, óculos de grau. Seu tipo. Decidiram morar juntos poucos meses depois do início do relacionamento. Chegaram até a pensar em filhos.

Apaixonou-se perdidamente. Ao telefone, com o irmão, às vezes deixava escapar. O único problema, a bebida. Exagera um pouco. Mas não é sempre. Não é sempre.

4

Por favor, se não for o carro, me diz o que você quer. Tantas histórias passavam por sua cabeça enquanto pensava o que responder a Roberto. Por que você quer que eu conheça seus pais? Isto é uma mentira, Roberto. Não existe nada entre a gente.

Eu sei.

Quando decidi cobrar pela primeira vez, foi como uma tentativa de matar Pedro. Destruir sua mente para destruí-lo também. Deu certo por um tempo. Até não dar mais.

Isso foi meses depois de pedir demissão da escola e mudar de cidade. Naquele dia, o dia em que saíra de casa para a delegacia, só com a roupa do corpo, sabia que era sem volta. Imaginava que fariam pouco. Mas não fizeram nada. Sacou então todo o dinheiro que conseguiu e pegou o primeiro ônibus saindo do terminal para São Paulo. Ficaria na capital até ter ideia melhor do que fazer. Meses. Até Roberto pedir para que ela conhecesse a família dele.

Foi em seu apartamento alugado no centro da cidade, onde se confundia com o concreto das ruas e edifícios, que decidi o final da história. Tá bom, Roberto. Você sabe que vai ser uma vez só, né? Nunca mais vou voltar lá. Não precisa me contar o teu motivo. Vou e pronto. Em troca, você vai fazer o seguinte.

O carro de Roberto a levou de volta ao seu passado. Quando você ouvir a sirene, liga para o meu celular. Aparece na sequência. Diz que é um amigo que tava de passagem. É aqui o lugar certo, né? Massageou o lado da barriga. Não faz nada errado, por favor.

Pedro se surpreendeu ao vê-la na porta. Abriu, depois de instantes em silêncio. O tom de voz morno foi se alterando quando ela começou a falar do divórcio. Tantos meses depois, a mesma história. Você não vai ter esse divórcio nem morta. O toque do celular dela e o coração disparado. A faca tirada da bolsa. O movimento rápido até ele. A mão dele encostando na faca. Ela correndo para o quintal. Ele parado na sala. Ela, com a faca estendida.

O movimento final. É aqui o lugar certo. A faca no chão, jogada longe. O sangue escorrendo. O som da sirene aumentou enquanto o líquido viscoso vermelhava o chão. Pedro esmurrou a parede e olhou para ela de longe. Riu. Ou ela pensa que ouviu ele rindo. A campainha. Os gritos. Ela, desmaiada. Na sala, os papéis do divórcio espalhados sobre a mesa.

Roberto foi a primeira pessoa que ela viu ao acordar no hospital. Oi. Oi. Vai ficar tudo bem. Você se cortou no lugar certo. No máximo, uma cicatriz. Foi a última vez em que se viram. Ou quase. Nunca soube por que Roberto quis apresentá-la para a família dele. Imaginava. Uma grande ficção. Cruzaram-se uma vez por acaso, na rua. Oi. Oi. Continuaram caminhando. Nem um tudo bem. Pedro pagou a fiança e saiu da delegacia poucos dias depois. Divorciaram-se. Quando conta a história de sua vida, Patrícia fala de Nina e de Roberto, pessoas que não encontra há muito, muito tempo. Às vezes, tem saudade deles. Na maior parte do tempo, não.

O pai

Quando nosso pai desapareceu, Júlia tinha oito anos. Cê vai. Ocê fique. Você nunca mais volte. Assim, ou parecida, aquela história. Antes, eu não entendia.

Júlia, era ele. Certeza? É. Não comentei com você. Apareceu do nada. A irmã com olhos arregalados, testa franzida, som forte de expiração.

Quando nosso pai desapareceu, mamãe calou-se. Nós, crianças, notamos sua pressa, seu desbaratamento. Sem lágrimas ou gritos. Nem uma palavra. Nem dela, nem dele. Se sumiu ou se foi embora, nunca soubemos. Até aquele dia.

Mais magro, é verdade. Mas, Júlia, continua cabeludo. Nenhum fio a menos. Mal consigo acreditar.

Sumir. Desaparecer. Existe lugar para a pessoa que volta?

Você nunca mais volte. Como por acaso, um comentava: viu o seu Júnior lá na padaria? Outro: meninas, ceis não tiveram mais notícia? Porque parece demais com ele. Até que eu mesma o encontrei.

Passeava, de mãos dadas com uma mulher que me encarou ao longe. Parecia eu a que voltava, e não ele. Eu, novidade à frente, reclamava para mim qualquer direito. A história, minha. Eles, daqueles personagens antigos, sem profundidade.

A questão é que eles também viviam seu roteiro. Sujeitos e objetos de ações, forças e sei lá mais o quê.

Quando nosso pai desapareceu, Júlia tinha oito anos, mamãe calou-se, e eu senti um alívio silencioso. Os gritos dele, os roxos, o medo. Tudo embora. Ter ido, o suficiente. Eu não precisava de motivos. Cê não existia há tempos.

Mamãe calou-se durante seus anos de lucidez. Depois, gritava a cada passo, a cada olhar, a cada tentativa de tocá-la. A fala também. A fala também não deveria voltar depois de ter sumido.

Naquele dia, a campainha tocou cedo. Despenteada, de pijama, enxerguei o rosto dele pelo olho mágico da porta. Mágico mesmo seria se o fizesse desaparecer de novo, pensei enquanto afastava os pés na direção contrária. Filha, eu sei que você tá aí. Abre, por favor.

Por que na minha porta? Por que não na porta de Júlia? Por que não nos portões do inferno?

Mamãe morreu antes de Júlia engravidar. Não foi avó. Faz anos já. Esclerose múltipla. Ou câncer. Ou ele. Ou tudo junto. Agora, não importava mais.

Abre, filha. Não me chama de filha! Gritei, do outro lado da porta. Ele, meu pai? Nunca. Nunca mais.

Isso foi uns dias depois que o vi passeando no quarteirão aqui de casa. Atravessei correndo a rua e continuei, sem virar para trás. Vai. Fique. Nunca mais volte.

Júlia, ele tá aqui na minha porta. A mensagem com tantos significados que eu mal podia segurar o celular, de tão pesado naquele momento. O *emoticon* de resposta. Olhos arregalados dentro de um círculo amarelo. Melhor só se fosse aquela imitação do grito. A angústia simplificada. E só. *Emoticon* e mais nada.

Ouvi o barulho do elevador se movimentando e me aproximei de novo, espiei. Ele, de pé, acompanhava o mudar dos andares, indicados no neon vermelho acima da porta metalizada. Virou-se para trás e olhou na direção do meu apartamento. Suspirou. Eu só queria me despedir, filha. Tô morrendo.

Abri a porta de casa minutos depois que o vi saindo do prédio. Egoísta. Quando viriam as desculpas? Porque a despedida, essa aconteceu quando eu tinha dez anos e vi minha mãe se calar, levando eu e minha irmã agarradas pelas mãos. Não dá pra voltar. Filha eu fui só da minha mãe.

Gisberta

Pontapés. Um chute no abdômen, no estômago. Mais um. Outro. Com um pedaço de madeira, uma paulada na cabeça.

As ruas escuras do centro de São Paulo ganham vida à noite. Faróis de automóveis, botecos de esquina, alarmes, vidros sendo quebrados, gritos, risadas. Pessoas se cruzam, trocam olhares.

Gisberta escolhe a Rua Apa porque ali tem mais gente vivendo ao seu lado. Alguma segurança. Dança na rua. A diferença, tão pequena. Antes, Gilberto.

Quando queimam Gisberta, ela ainda respira. Sua última energia usada para contorcer o corpo, quase se levantar do chão áspero da calçada, balançar a cabeça enquanto a pele derrete, os olhos atonitadamente abertos. Como se não estivesse acontecendo. Em chamas, o corpo se bate contra o asfalto, rola para o meio da rua. Passam carros que olham pelos vidros e espelhos retrovisores. Ninguém para.

Gilberto. Gisberta. Duas letras. Um preço tão caro. A mãe, morta. E o pai: pra fora, filho de uma puta. Aqui você não fica mais nenhum segundo. Um dia pensou ver um dos irmãos pela janela do ônibus que passava. Acenou até, mas o homem virou o rosto. Olhou para o céu.

Ela também gosta de admirar o céu. Às vezes passa toda a noite com os olhos abertos, procura uma ou outra estrela. Diminui o medo. A imensidão escura diminui o medo de estar deitada sozinha, na calçada, no centro de São Paulo. Ruins são as noites em que dorme. Acorda assustada, sem saber se dia ou se noite. Se viva ou se morta.

Ela ainda respira quando o fogo chega a seu rosto. Ouve seu próprio grito. O fogo não queima o tempo, não queima a memória. Ela, faísca.

O que resta

A urgência surgia do medo de não conseguir partir. Aspirei a fumaça do cigarro dele, como se uma parte daquele homem que acabara de conhecer ficasse, assim, marcada dentro de mim. Linhas tênues que desenhavam círculos no ar. As pernas, ainda juntas debaixo do cobertor. Meus pés gelados. Os dele, tentando me aquecer com movimentos que colavam nossos corpos a partir dos dedos dos pés. Paulo, acho melhor eu ir.

Ele respirou profundamente e levou o cigarro à boca. Quando soltou a fumaça, olhou para o horizonte descortinado pela janela do quarto. Para a noite sem estrelas do céu de São Paulo. Só depois virou o rosto em direção ao meu, sem dizer nada.

Nunca fumei. Essa é uma verdade sobre mim. Dessas que não fazem a menor diferença em uma história. Imagino, então, o que seria uma inspiração profunda de um cigarro quando ele está entre os lábios de uma pessoa. Pura criação.

Você fuma? Não, nunca fumei. Nunca? É, nunca. Minhas mãos, sem saber direito o que fazer, ajeitavam-se embaixo do corpo, buscando se aquecer. Paulo, acho melhor eu ir.

O medo de não conseguir partir se transformou em paixão avassaladora. Deixei de ver o que acontecia. Até aquele dia. O dia da morte.

A faca veio de encontro à minha coxa. Eu ainda embaixo dos lençóis. Ele se aproximou pelo lado, com calma. Passos leves. Nenhum sinal. Meus olhos se abriram espantados, forçando a pele da testa para cima, como se só assim pudessem acreditar no que viam. Eu me recusava àquela cena. A segunda facada foi na barriga, antes que eu fosse capaz de piscar.

Por anos, olhei as cicatrizes com ansiedade. Com a ponta dos dedos, massageava as marcas dos cortes. Se aquela lesão fosse mais minha, pararia de doer?

Paulo pediu um vinho, apoiado no balcão do bar com o abdômen. Naquela época, seus cabelos enrolados chegavam aos ombros. Olhos escuros, refletiam o brilho da taça que levava à boca com aquele líquido vermelho. Não apoiara ainda o copo de volta no balcão quando me aproximei. Posso me sentar aqui?

Sempre fui de poucas palavras. Paulo – nesse momento eu ainda não sabia o nome dele – me pareceu um desses homens que gostam de mulheres reais, como eu.

Só se você me disser o seu nome. A resposta dele. A primeira vez que ouvi sua voz. Não falei e me sentei, mesmo assim. E se hoje eu for só uma personagem? Escolhemos nomes literários. Lucíola, Laura, Beatriz, Helena, Clarissa. Como se nossa história de uma noite ganhasse força ficcionalizada.

Ele era Paulo. O braço direito estendido em minha direção, a mão procurando pela minha. Frase descontraída seguida de um aperto de mão formal. Prazer, Paulo.

Volto aos livros que nunca li. Como dizer tanto sem palavras? Abro um livro qualquer em uma página qualquer. As folhas amareladas, cheiro de guardado. Se memória tivesse cheiro, poderia ser o de um desses livros velhos encostados na estante. Uma frase qualquer, ao acaso. O silêncio da ausência, da lacuna, aquele que se produz porque não há como saber que algo aconteceu. Leio. Releio. Me engano. Busco respostas onde só há perguntas. Me perco nelas, então. Se as perguntas são a única possibilidade, o que me resta?

As memórias se misturam. Naquele dia, o dia em que conheci Paulo sentado no balcão de um bar tomando uma taça de vinho, só me lembro de ter dito. Eu quero você. O resto inventei. Não tenho certeza.

Naquela primeira noite, caminhamos até a casa dele e tomamos mais umas taças de vinho antes de nos beijarmos pela primeira vez. Se eu fosse toda romântica e esse tipo de coisa, diria que aquele beijo foi mágico e que nunca tinha sentido nada parecido na minha vida. A verdade é que nós dois estávamos bêbados e, ainda assim – ou por isso mesmo –, cheios de tesão. Foi bom. Tão bom quanto qualquer primeira vez pode ser.

Antecipo os fatos na mente ao lembrar da história. Acabamos de nos conhecer. Estou apaixonada. Ninguém, ainda, morreu.

O meio da história, aquele que me parecia bem melhor que o início, hoje é o que menos importa. Nele estão minhas respostas, no entanto. Casamos, tivemos um filho. No meio, o início do final. Um caixão pequeno, branco, com um corpo dentro.

Os infernos não se substituem. Eles se somam. Isso aprendi também naquele dia. Quando pulei da janela, fugia da morte. Importa dizer que Paulo corria atrás de mim com a faca na mão, que conseguiu me alcançar e que apertava meu pulso livre? Importa dizer que pensei que a porta estava longe demais, e ainda trancada, e que não vi outra possibilidade? Importa dizer que não imaginei que ele fosse capaz de machucar o próprio filho? O que importa é que não levei meu bebê junto quando pulei. Paulo ainda segurou meu pulso por instantes. E largou. Ele pensou se me segurava ou não. E largou.

O barulho de ambulância até hoje dispara meu coração. Por pior que pareça, a sensação era boa: se escutava a sirene, ainda vivia. Não passou pela minha cabeça que meu bebê pudesse estar morto.

Dizem que foi difícil tirá-lo dos meus braços. Eu o vi caindo. Membros enrijecidos, me recusava a soltá-lo. Não me lembro. Depois do barulho da ambulância, um vazio. Um escuro onde me escondi por dias seguidos. O silêncio da ausência, da lacuna.

Um caixão pequeno, branco, com o corpo do meu filho morto dentro. O cemitério com árvores altas, chão de terra, um pouco de concreto aqui e ali. Cantavam uma canção lenta, triste, quando o pequeno caixão desceu sepultura abaixo e foi coberto por terra. Não sei como cheguei lá. Não sei como voltei. Não chorei naquele dia. Aquela não era uma possibilidade. Eu, viva. Ele, morto. Se eu soubesse que é possível passar um dia inteiro sem respirar e sem piscar, diria que foi isso o que aconteceu.

O caminho até o cemitério é uma subida. Hoje, com a minha idade, levo quase uma hora andando de casa até lá. Lá, também um pouco casa. Criei esse costume, com o tempo. Único jeito de não deixar morrer. Sento ao lado do túmulo e fico.

No hospital, me doparam. Por uns dias, assim que eu abria os olhos e começava a gritar, injetavam mais calmante na minha veia. Vai ver acharam que eu queria morrer, ou que queria me matar. Me protegiam de mim mesma. Entendi, ali, que é possível morrer muitas vezes.

Meu castigo foi acreditar que o crime era meu. Meu filho tinha dois anos quando o enterrei. Tive medo de não conseguir dizer o mais importante. A morte, antes da morte. E se na memória restar só o que dói?

Ruínas

1

Sempre me permiti ir embora, fugir. Segundas chances. Nunca entendi por que voltava.

Em um dos pesadelos com Teresa, baratas saíam de todos os orifícios de seu corpo. Uma quantidade inimaginável delas, em sequência, simulando uma sociedade organizada de formigas. Como em um desenho de Escher, andavam em linhas impossíveis. Quando eu me aproximava de Teresa, no sonho, via que era eu mesma ali, deitada. O corpo que aqueles animais asquerosos percorriam era o meu. Acordei em um sobressalto. Arfando, sentada na cama, chorei como quando encontrei Pedro, como no dia em que deixei Júlia. Deitei e fixei o olhar no branco do teto. Um pouco de vazio para decidir por onde continuar.

Teresa é das poucas pessoas que sabem: nem sempre me chamei Laura.

Invento que Teresa foi uma menina travessa. Poderia dizer também que ela sabia por que lutava, desde sempre. Mas isso só falo com tempo e vontade para iniciar uma discussão. Não tenho tido ânimo para tanto. Como a reconheceria, tão diferente?

Colecionou cicatrizes, ela. Esta, da cesárea que precisei fazer. Esta outra, um vergão depois de apanhar com cassetete. A no dedo mindinho fui eu mesma que provoquei: abrindo um pacote de leite, me distraí e a faca foi mais longe do que deveria. Sangrou tanto que desmaiei. Esta na testa serve de proteção. Marcada ao nascer.

Não sei por que cheguei tão perto e olhei daquele jeito. Eu, que nunca diminuía o passo para reparar em nada, imobilizei meu corpo por tempo suficiente para ter certeza de que todos os ferimentos começavam na boca. Da boca à orelha esquerda, da boca aos dois olhos, da boca à garganta, da boca aos seios. Um dos mamilos inchados. O outro, arrancado. Só então levei as mãos à minha própria boca, tapando os lábios e o queixo. Repetimos esse gesto quando não sabemos o que dizer, quando estamos surpresas, quando estamos chocadas. No geral, o movimento é acompanhado de um arregalar dos olhos, de um franzir da testa. Às vezes, o menear da cabeça ajuda a compor a cena. Negamos a realidade movendo a cabeça da esquerda para a direita, repetidas vezes, sem que sequer notemos esse movimento. Talvez eu tenha feito tudo isso ao mesmo tempo antes de sair correndo.

Lembro-me daquele vaga-lume brilhando na escuridão do quarto. Um ponto verde luminoso, no teto, bem em cima da cama. Por que acendemos as luzes? Ao ver, soubemos. O vaga-lume morria. Uma aranha o devorava. Do escuro mesmo eu nunca tive medo. Da aranha, sim, tive medo. Tenho medo do que o escuro esconde. Tenho medo de aranhas.

A cena volta à memória porque, naquele ano, engravidei. Senti os chutes da bebê na barriga durante toda aquela noite. E um acontecimento desses a gente não esquece.

Beatriz era como eu me chamava na época. Escolhi o nome pelo prazer de me imaginar como guia do paraíso terrestre. Aquela que sabe qual caminho percorrer. Ainda cheia de espinhas no rosto, cabelos rebeldes, movimentos desajeitados de quem pouco conhece seu próprio corpo, nem um centavo no

bolso e a vontade de mudar o mundo. Grávida, aos dezoito anos. Sem saber quem era o pai.

Em 1968, e um pouco antes também, a gente mentia. O que você faz? Trabalho na loja da Vanda, e você? Vanda, na verdade, era Teresa. Ela escolheu um nome mais comum. Quase um apelido.

Em uma papelaria, esconder papel parecia tarefa fácil. Naquele vazio branco, sempre na quarta página de cada pacote de sulfite, a informação que precisávamos para sobreviver ao dia seguinte. Nos meus planos, ninguém engravidava ao final da história.

A verdade é que minha função naquele ano foi conseguir informações importantes para nossa subsistência. Cumpri tão bem meu papel que acabei com um feto crescendo no meu ventre. Quem duvidaria de uma grávida, afinal?

Só muito tempo depois, concluí que para as mulheres sempre são designadas as piores tarefas, as mais difíceis. Um homem nunca vai engravidar. Mesmo que cumpra a mesma função que eu, nunca correrá esse risco. Mal imagino a leveza que essa certeza assegura a cada homem do planeta.

Minha barriga começou a ficar visível quando fugimos pela primeira vez. Nós três: Teresa, Pedro e eu. Pedro sabia qual a minha função no coletivo e guardava sua inquietação. Quando o encontrei sem respirar, sem pulso, na banheira, acreditei que ele queria apenas acabar de uma vez com as lembranças daqueles anos. Sei que foi mais do que isso.

Arriscamos mais quando temos menos a perder. Ou quando achamos que é impossível perder mais. Ou perder de novo. Esquecemos – de propósito – que sempre há chances de piorar. Minha última noite com Pedro foi quando vimos o vago-lume. E a aranha. Não me lembro da cena porque esse foi o ano em que engravidei. Lembro dela por causa de Pedro.

Quando construí minha casa no alto da montanha, já era uma mulher idosa. Pintava os cabelos de preto e a pele lisa não indicava minha verdadeira idade. Mantinha minha rotina como se cuidasse de um tesouro. Todos os dias, acordava às sete horas da manhã, bebia um copo cheio de água fria, abria as janelas do quarto e da sala, colocava água para ferver enquanto cortava um mamão e, em pé, escorada na pia da cozinha, raspava as sementes para dentro da lixeira. Colocava as metades em um prato, na mesa que ficava próxima à janela, e terminava de preparar o chá. Naquele dia, escolhi o sachê de maçã com canela. Sentava-me com Caramela ao meu lado, tomava meu café da manhã com calma e lia as manchetes do dia pelo computador. Só depois de completo esse pequeno ritual, trocava de roupa e abria a porta de casa, pronta para meu passeio matinal. Não naquela sexta-feira. Ao despejar a água do chá na caneca, comecei a ouvir latidos fortes, vindos da planície abaixo de minha casa. Vi uma multidão – dentro do que pode ser considerado multidão em uma pequena cidade do interior – se formar. Deixei a comida na mesa e saí.

Muito tempo depois ainda questionaria o que me levou a correr tão rápido. As pernas ágeis, como não haviam sido sequer na juventude. O corpo leve, como se não percebesse o que o esperava. A verdade é que eu também morri naquela manhã.

O espelho rachado. Vejo minha imagem refletida e um risco vermelho se expandindo a partir dos meus lábios. Uma fenda de onde não sai sangue, mas

putrefação. Meu rosto cinza, com cortes que surgem em velocidade cada vez maior. Estou morta. Sei que estou morta. Olho meu reflexo, não consigo me mexer. Paralisada, sigo esperando que alguém faça qualquer movimento para me libertar daquela prisão. Ninguém chega.

Laura, para de brincadeira. É sério. Olha pra mim.

Pedro se mudou para nossa casa em um dia chuvoso. Sentada no pequeno sofá de camurça verde na sala, virei o pescoço para a esquerda e fixei os olhos no vidro da janela. As gotas escorriam em diferentes velocidades. Às vezes, uma apressava a outra, que já decidira parar de escorrer. O barulho gostoso, o toque suave da água no concreto do prédio. Um prédio baixo, de três andares, sem elevador nem porteiro. O local ideal para vivermos. Não escutei a primeira batida dele na porta. Laura, acorda, você não vai atender? Logo, a segunda batida, mais intensa. Fui, abri a porta para Pedro. Com ele, começaram as perdas. Os ganhos. E as perdas.

Aceitamos acolher Pedro em casa antes mesmo de saber o nome dele. Na época, eu e Teresa tínhamos encontrado esse lugar tranquilo para nos escondermos. Se eu dissesse um lugar tranquilo para viver não seria a verdade. Viver, para mim, era algo mais simples do que aquilo que fazíamos. Ele chegou em silêncio, e assim ficou. Os vazios dele doíam. O corpo cheio de marcas. Os olhos distantes. Todos os dias de manhã, ele saía do quarto carregando seu cobertor e sentava-se naquele mesmo sofá verde na sala, recolhendo as pernas e os pés para próximos do tronco, jogava o cobertor por cima e ficava na mesma posição por horas. Olhava para qualquer ponto fixo em um

horizonte distante e não se mexia. Desconfio que também não notava nossa presença. Em silêncio.

Nunca soubemos o que aconteceu com ele de verdade naqueles dias. Nem como escapou. Conta, Pedro, vai fazer bem falar. Ele não olhava, não se mexia. Quando começamos a transar, pensei que seria bom pra ele.

Laura, para de brincadeira. É sério. Olha pra mim. Precisamos ir agora. Acabei de receber a mensagem. Eles sabem da gente. Vai, corre.

Dois meses e oito dias depois que Pedro se mudou para nossa casa, abrimos a papelaria pela primeira vez.

2

A sala fede a desinfetante. Meu nariz se irrita com o odor forte, mas minhas mãos não o alcançam. Tento coçá-lo levantando o buço até encostá-lo na ponta do nariz, e mexo os lábios de um lado a outro do rosto. Não resolve.

Estou em pé em cima de uma cadeira de ferro. Nua. Quando me mandaram tirar a roupa, assim que cheguei aqui, achei melhor tirar logo para não correr o risco de algum deles arrancá-la. Odiei com uma força que nunca tive antes. Odiei cada um deles.

Meus olhos estão vendados com um pano tão fedido que só consigo imaginar que ele deve ser usado para limpar secreções de todos os presos antes de ser amarrado em meu rosto. Há uma luz fraca ligada, vejo sombras. Meus pés estão amarrados com fios que sobem por cada uma de minhas pernas, circulam o abdômen e meus seios, percorrem os braços e se encerram nos dedos de minhas mãos. Sou a imagem do Cristo, de braços abertos. Em cada uma das mãos, seguro uma folha de papel.

Mantenho essa posição há horas. Não sei quantas. Repito em silêncio os nomes das nuvens que conheço: cirros, cúmulos, cúmulos-nimbos, estratos. Aprendi esses nomes quando brincava com um livro de biologia na infância. Cirros, cúmulos, cúmulos-nimbos, estratos. Desde a adolescência, quando estou assustada ou com medo, repito mentalmente listas aleatórias. A busca por um lugar de conforto. Ajuda. A cada vez que o cansaço ou a distração me fazem baixar os braços, um choque elétrico percorre todo o meu corpo.

As gargalhadas preenchem a sala. Me olham. Sou uma estátua viva para a diversão deles. Os diferentes sons me fazem imaginar que há pelo menos uns oito no espaço. De repente, ouço um gemido entre as gargalhadas. Um jorro quente atinge minha barriga e a gosma escorre até meu púbis, até minhas coxas. Não posso me limpar.

Devia ter mirado no rosto, chapa. Escuto dizerem ao longe.

Os choques foram tantos e tão fortes que, quando acordei do desmaio, não consegui mover as pernas. Vi meu corpo todo com outra cor, um cinza, azul-acinzentado, manchas azuis mais escuras por todos os lados. Me bateram, pensei. Mas não me lembro dessa parte.

Ainda hoje, o que mais me impressiona em um corpo sem vida é a cor. O cinza do pó. O cinza de uma nuvem. O cinza de um céu chuvoso. O cinza do concreto. O cinza dos corpos.

Depois da morte, a pele é radicalmente transformada: perde água, resseca, enruga-se, torna-se amarelada, fica verde, dilata-se, solta líquidos e desmancha-se. Teresa eu conheci depois, algum tempo depois desse episódio. Cinza. Cinza é como me lembro dela. Do corpo dela.

O caminho até a planície é acentuado. Uma bela descida, diriam meus amigos acostumados a elevadores e escadas rolantes. Nunca tive muitos amigos, mas imagino palavras saindo das bocas deles. As pessoas adoram falar. Verdade é que escolhi morar no alto de uma montanha com uma descida acentuada. Segundas chances. Não tenho mais idade para sair muito de casa, e esse é o único meio de me obrigar a fazer exercícios físicos. Não quero ser uma velha paralisada por desuso dos músculos das pernas.

Antes, Caramela me acompanhava. Agora, não mais. Em idade de cachorro, nem sei quantos anos ela teria. Muitos. Coitada, tão velha. Da última vez que descemos juntas, arfou tanto que fiquei com medo de ela morrer ali mesmo, com a língua estirada para fora do corpo. Desde que começou a perder a visão, prefere não sair de casa, onde já conhece os caminhos, as quinas, os esconderijos. Os olhos cinzas, opacos.

Não late mais, também. Se latisse, acompanharia os outros cachorros no coro daquele dia. Aposto. Os latidos fortes vindos da planície abaixo de minha casa. Uma multidão se forma. Deixo a comida e saio.

Os cachorros da vizinhança latem com o movimento porque são pouco acostumados a ver gente. Qualquer gente que não sejam seus donos. Em cidade do interior, todo cachorro tem dono. Esquisito isso. Estranhei quando me mudei para cá. Nenhum andando desnorteado pelas ruas. Todos dentro de um quintal, alimentados com comida industrializada, vacinados nas campanhas anuais, pelos e unhas aparados, banho em dia, rabos abanando para ganhar um novo osso feito provavelmente de banha de algum outro animal.

Quando Caramela morreu, foi meu primeiro pensamento. Ninguém teria coragem de fazer aquilo por mim, na minha hora. A injeção aplicada na pata dianteira, e os olhos se fechando poucos minutos depois. Sentei-me ao lado dela, com minha coluna encostada nos pés do sofá, e acomodei-a em meu

colo. Massageei o pelo na direção da cabeça para o corpo, até ela ficar imóvel. Durante todo o tempo, estive lá. Talvez ela tenha sofrido menos por se saber acompanhada. Talvez não. O momento exato foi quando a cabeça pesou menos. Sei que foi. Por milésimos de segundo, Caramela estava mais leve. Depois, o início da rigidez. A matéria insistindo em se manter unida. Esforço inútil de quem já começou o caminho e insiste em olhar para trás.

O último suspiro de Caramela foi alguns meses depois do dia em que encontraram o corpo, na planície abaixo de minha casa. Os pesadelos estavam mais frequentes naquela época. Um dos piores aconteceu exatamente naquele dia.

A rua escura, mas familiar. Onde estou? Paro um instante tentando reconhecer o lugar. Poucas árvores. As casas, baixas. Seria um rio ali na frente? Noto dois homens, à distância, me observando. Não os conheço. Encostam-se em um muro, fumam e falam algo entre si, sussurrando. Volto a caminhar e escuto os passos deles se aproximando. Eles vêm rápido. Corro, e eles apressam ainda mais o passo em minha direção. Há luzes acesas nas casas e grito para pedir socorro. Grito alto, mas não ouço minha voz. Tento novamente e, além do movimento dos meus lábios e da contorção de toda a minha face, nada acontece. Nenhum som. Pânico. Uma descarga imensa percorre meu corpo. Minhas pernas não me obedecem mais e paro de correr. Um deles me alcança e me derruba no chão.

Sempre nesse mesmo momento, acordo. A repetição nos habitua a tudo. Aprendemos a viver em condições inimagináveis. Mas a esse pesadelo não me acostumo. Ele já ocorreu algumas vezes e, em todas, acordo com a garganta

doendo. Me olho no espelho e falo alto meu nome. Medo de não ouvir. De não falar. Quando escuto minha voz, um prazer. O som dela, alto e claro, aos poucos me acalma.

Júlia nasceu pouco depois da morte de Pedro. Eu me esforçava para acreditar que ela era filha dele, nossa filha. Não teria certeza nunca. Quando fui embora, envolvi a criança na manta branca que minha avó tricotara. A única lembrança que eu carregava na pequena mochila que ia comigo de um lugar a outro, me acompanhando em todas as segundas chances que me dei até aquele momento. Não perguntei a Teresa se ela aceitava, se conseguia, se queria. Deixei Júlia e fugi. Do escuro mesmo eu nunca tive medo. De mim, sim, tive medo.

3

Olho para as ruínas como quem tenta descobrir o que há num borrado de fotografia. A imagem gravada no cérebro é mais viva que aquela que meus olhos veem. Na época em que vivi lá, a casa parecia um convento. Construída com aparentes tijolos de barro, dispostos um em cima do outro, como se apenas isso bastasse para se fazer uma morada. Dentro dela, apesar dos dois andares só para nós três, tínhamos duas camas de solteiro, uma escrivaninha, uma geladeira, um fogão. Ficávamos todos sempre no mesmo andar. A escrivaninha dividia os ambientes, com uma toalha de mesa grande disposta em cima dela. As poucas peças de roupa que levávamos nas mochilas, eu e Teresa dividíamos. Nela, ficavam justas demais. Em mim, sempre um pouco largas.

Nesse espaço em que hoje há um vão de janela sem vidros, uma entrada sem porta, um telhado sem telhas, nascem plantas. Em cada vão de tijolos rachados há uma tentativa de vida se insinuando. A vida insistindo em existir

mesmo depois da vida. As escadas, agora, dão em lugar nenhum. Depois delas, o vazio. Não há segundo piso, não há para onde ir. O segundo andar desmoronou. A única opção é dar meia-volta e descer. Voltar para baixo. Sempre voltamos a algo, afinal. Nem sempre sabemos a quê.

Nessa casa, Pedro morreu. Nessa casa, Júlia nasceu. Nessa casa, vi Teresa viva pela última vez. Hoje, vejo ruínas.

Defensora dos direitos das mulheres, Teresa Silva é encontrada morta aos 72 anos. Não continuei lendo. A manchete gritava o que meus olhos não perceberam antes. Sem saber que aquela era Teresa, olhei cada detalhe. Sem saber que aquele corpo cinza, desfigurado, era Teresa. Como reconheceria?

Um corpo desfigurado, largado em meio ao matagal, era acontecimento para meses de conversa naquela cidade. Afinal, mais de quarenta anos haviam se passado desde a última morte registrada sem que a causa fosse velhice, câncer, Alzheimer ou qualquer desses acometimentos dos quais nenhum ser humano consegue fugir. Naquele dia, o burburinho acordou a vizinhança. Vocês já ouviram? Parece que é mulher. Cinza já, o corpo. Sei lá, ninguém sabe do que morreu. Foi morta.

O angustiante de sobreviver às perdas mais profundas é reconhecer que a vida continua sem alterações. Ou quase. Mantemos nossas rotinas. Acordamos, preparamos o café da manhã, tomamos banho, saímos para o trabalho ou para nossos passeios matinais, almoçamos, dormimos, transamos, lemos, escrevemos, falamos. Por mais intenso que seja o luto, o desespero inicial aos poucos se transforma em tristeza, em algo menos agudo. De repente, nos observamos rindo de novo, voltando de verdade a ser quem éramos, ou quem

passamos a ser. Um dia, sem notarmos, o porquê daquela tristeza eventual se desfaz. Permanece uma lembrança guardada em qualquer uma das caixas organizadoras da memória. Mesmo as mais importantes. Mesmo as memórias mais importantes passam a ser apenas lembranças. A não ser que voltem.

Teresa me procurou naquela cidade pequena. Se não tivesse feito aquela viagem, ainda estaria viva? O que ela queria me dizer? Depois de tantos anos, o que ainda poderíamos dizer uma à outra?

Verdade é que não pensei em Júlia quando vesti minha calça preta, peguei minha bolsa do jeito que estava, calcei os tênis e saí à procura de um táxi. Para São Paulo, por favor. Teresa foi minha melhor amiga. Eu poderia delimitar o período dessa amizade dizendo que ela foi minha melhor amiga por anos. Mas não faço isso. Algumas amizades a gente não delimita. Elas existem. Apesar de tudo. Apesar de mim. Apesar dela.

O velório lotado de gente. Na porta, veículos de redes de televisão e um grupo de repórteres e cinegrafistas que se revezam nos cuidados com as câmeras, os microfones, os pedestais. Alguns se apoiam no muro do cemitério, e um deles tem a perna direita dobrada na altura do joelho. O pé o equilibra dando leves batidas na parede. À sua frente, outros se encostam nos carros. Formam um corredor, por onde passo. Essa é a primeira vez que volto a São Paulo desde nossa fuga – quando ainda éramos Pedro, Teresa e eu. A cidade tão movimentada. Luzes de faróis me atordoam, junto com barulhos de buzinas, helicópteros, pessoas em grupo que conversam em alto som, luminosos de restaurantes espalhados por todo o quarteirão. Há cheiro forte de flores, também.

O caixão está fechado. Não vemos Teresa dentro dele. Uma mulher próxima dos seus cinquenta anos está sentada no lado direito da sala, com duas meninas ao seu lado. Elas devem ter dezoito, vinte anos. A mulher veste uma blusa branca. Em cima de seus seios apertados pelo tecido, consigo ler algo escrito. Lute como... Não enxergo o resto. Ela agarra a mão de uma das meninas. Dá para ver que faz força, porque seus dedos estão levemente vermelhos. Seu nariz inchado, ouço as tentativas de conter um líquido que escorre vitorioso por suas narinas. Nossos olhares se cruzam. Ela tem os cabelos curtos, grisalhos, e usa óculos para miopia. Vejo seus olhos pequenos atrás das lentes e sei. Ela se levanta. Vai até o caixão e coloca as duas mãos no lugar em que deve repousar a cabeça de Teresa, embaixo da madeira que a cobre. Ela aproxima o queixo do peito e não sei se nesse momento fala algo ou chora. Me afasto. É como se me visse em um espelho.

Júlia me pergunta por que voltei. A caminho da casa em que ela nasceu, onde não se lembra de ter vivido, me pergunta por que voltei. Dirige seu carro vermelho com atenção, e nossos olhos se cruzam apenas no espelho central, para o qual ela olha com alguma tristeza. Viro o rosto para a janela do lado do passageiro e abro um pouco o vidro. O vento incomoda meu rosto e fecho os olhos. Respiro fundo e sei que faço um barulho desagradável ao colocar o ar para fora. Eu poderia mentir, dizendo que queria encontrá-la. Que depois de todos aqueles anos distante, eu desejava conhecê-la. Uma mentira boa, afinal. Mas apenas digo. Não sei, Júlia. Às vezes a gente não sabe por que volta. Ela move o olhar para mim. Não para o espelho, mas para mim. Não diz nada. E depois: é ali que a gente vira? Sim, é ali.

Lúcia

O asfalto derretia. Não no sentido figurado, aquele que usamos quando queremos apenas dizer que o calor é tanto, tanto, que até o asfalto – com seu ponto de fusão a sabe-se lá quantos graus – parece derreter. O calor capaz de enlouquecer. A cena daquele livro do Camus, como era mesmo? Muito calor. Um deserto. Era deserto? Hoje mamãe morreu. Só que não foi mamãe.

Estou no carro com ela. A angústia da impossibilidade. Nem sair, nem acordar. O acidente. Presas, as duas. Pela morte, ela. Pelo nome, eu. Impossível desfazer. Nessa cena, estamos juntas. É a última vez que nos vemos.

Lembro-me dela pelo que imaginei. Sua reescrita em minhas linhas. Se mudasse meu nome, seria outra pessoa? A cor de vinho, vermelho, fogo, sangue.

Você vem no carro comigo?

O vinho me atordoa. Faltam palavras. Uma vida nas entrelinhas. Nunca fomos o discurso principal. Nenhuma mulher. A cor do vinho é a minha preferida. A dela? A dela não me lembro. Nunca soube. Lúcia. Como eu.

Risco o último fósforo da caixa. Deixei os anteriores arderem até que toda a madeira se consumisse. Até que meus dedos se queimassem, em contato com o fogo. A chama vermelha, azulada, percorre outra vez seu caminho, desce ágil, crepita. Antes de sentir o ardor na pele, jogo o pequeno palito incendiado no monte de papéis reunidos no jardim.

Não era o asfalto que derretia.

Melhor teria sido iniciar falando daquele russo e seus duplos, meus duplos. Assim não restariam dúvidas. Imóvel, como alguém que ainda não sabe direito se acordou ou continua dormindo, se tudo o que está acontecendo ao

seu redor é de fato real ou uma continuação de devaneios. Mas quem sabia, ao iniciar, que Lúcia seria a história?

Triste isso de as coisas durarem mais do que as pessoas. Seus cabelos são castanho-claros, crespos. Olhos azuis. Veste uma camisa branca, com uma blusa de lã azul por cima. Calça escura, daquelas boca de sino. Anos setenta, essa era a moda. Na foto, ela corre. Vejo seus braços em movimento, como se em poucos segundos pudesse me alcançar. Atrás dela, está mamãe. Jovem. Ainda jovem.

Quando conversei com ela pela primeira vez? Existiu uma última? Peguei mais uma foto. Nessa, a família inteira posa unida no jardim, ao lado de uma árvore. Ela, um pouco mais alta que mamãe. Em uma calça bege e blusa de gola alta, listrada, vinho e branco. Com a mão esquerda, apoia-se na árvore. Não sorri. Quem sorri é mamãe.

Vesti essa blusa muitas vezes. A blusa de gola alta, listrada, vinho e branco. Ficava guardada no armário de roupas lá de casa. Vestia e me olhava no espelho. Qual delas era eu?

O cinza do pó. O cinza dos corpos. O cinza do papel queimado. Todos, uma espécie de lixo.

A pequena fogueira queima meu pé. Tomo o último gole e jogo longe a taça. Sorrio com aquele gesto cênico. As memórias, os escritos, ela, eu. Todos chegam juntos ao fim. Hoje mamãe morreu. Só que não foi mamãe.

Recorto daqui e dali. Junto e separo. Colo e rasgo. Na vida e na ficção. As memórias lidas, vividas, inventadas. Sem saber a que mundo pertencem.

Não termino com a cena dos pés na fogueira. Odeio despedidas trágicas. E por não encerrar, continuo. Eu. E ela. Nós.



Lúcia Nascimento é escritora e produtora cultural. Nasceu em 1983, em São Paulo. Formada em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), é também mestranda em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela mesma instituição. *Ruínas* é seu primeiro livro.

Memórias, laços familiares e vidas interrompidas anunciam um fim que, tramado há muitas gerações, só pode ser traduzido numa descendência em ruínas: um futuro entre escombros. Se fosse uma casa, ninguém sairia ileso desse desabamento-promessa e, antecipando as cicatrizes, carregaríamos ao menos um arranhão, um tombo, um escorregão, para nos salvar duma queda mais ou menos leve ou fatal. Indolor, jamais. Assim é o encontro com as narrativas de Lúcia Nascimento. Nestes contos, maternidade e perda se enlaçam como um cordão umbilical que nunca se desatará, enredando corpos que parem e corpos que nascem destinados à mesma orfandade. Da porta de entrada à “saída de emergência” (se é que há), leitores e leitoras se encontrarão com mães, filhos, pais e muitos amores, que, engolidos pelo tempo, aniquilados, voltam a existir poeticamente. Tudo está em ruínas e, quiçá por isso, tudo pode ser reconstruído de outro jeito. Como uma caixinha de Pandora, em meio aos destroços, a ficção guarda em si a esperança. Uma esperança tímida, é certo, porém presente nessa literatura que, ao nos escoriar, é fúria e vida.

Marcelo Ferraz de Paula (UFG)

Maria Fernanda Garbero (UFRRJ)

Rafaela Scardino (Ufes)

